

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO CONTRA A PRÁTICA DO BULLYING NAS ESCOLAS

MARCELO NEIVA DE LIMA, DIEGO ITIBERE CUNHA VASCONCELOS, RICARDO BRANDT, ALEXANDRO ANDRADE
ricabrandt@gmail.com

Laboratório de Psicologia do Esporte e do Exercício- CEFID/UDESC.

Resumo

Este estudo apresenta os fundamentos do bullying e levanta estratégias de intervenção indicadas pelos estudos científicos na prevenção de práticas de bullying entre os alunos, para que esses evitem situações de repercussões psicológicas, comportamentais e sociais. O fenômeno caracteriza-se por um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra outro ou outros, causando dor, angústia, sofrimento e exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Os dados referenciados nos estudos pesquisados demonstram uma clara melhora na tendência do comportamento bullying na escola, baixando potencialmente os índices de vítimas e bullies.

Palavras-chave: *Bullying*; Vítimas; Escola; Comportamento.

INTERVENTION STRATEGIES AGAINST SCHOOL BULLYING PRACTICES

Abstract

The aim of this research is to present the fundamentals of bullying and survey intervention strategies indicated to prevent bullying among pupils, the way to avoid situations of deep psychological, behavioral and social repercussions in an educational spread. The phenomenon is characterized for a set of aggressive, intentional and repetitive attitudes that occurs without any evident motivation, adopt by one or more students against other or others, causing pain, anguish, suffering and exclusion, as well as physical damages, moral and material, in an unequal relation of power. The referenced data have shown that an ideal intervention improves a clear tendency of a better behavior about scholar bullying, lowering potentially the indices of victims and bullies.

Keywords: *Bullying*; Victims; School; Behavior.

ESTRATEGIAS DE LA INTERVENCIÓN CONTRA LA PRÁCTICA DE LO BULLYING EN ESCUELAS

Resumen

Este estudio presenta los fundamentos de lo Bullying y levanta estrategias de intervención apropiados para los estudios científicos en la prevención de las prácticas de bullying entre los Estudiantes, para evitar repercusiones psicológicas, comportamentales e sociales. El fenómeno es caracterizado por un grupo de actitudes agresivas, intencional y repetitivo por los que ocurren sin la motivación evidente, asumido uno o mas Estudiantes contra el otro, causador de dolor, angustia, sufrimiento y exclusión, además daños físicos, morales y materiales, siendo ejecutado dentro de una relación desigual. Los datos mencionados han mostrado que una intervención ideal mejora la tendencia de comportamientos, bajando potencialmente los índices de víctimas.

Palabras Clave: *Bullying*; Víctimas; Escuela; Comportamiento.

INTRODUÇÃO

A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que perceberem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado. Portanto, a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão (LOPES NETO, 2005).

Pesquisas têm mostrado que o *bullying* escolar acontece frequentemente e representa um sério problema de saúde pública (APA, 2009; FEDER, 2007). Considerando este contexto, psicólogos vêm utilizando estas pesquisas para desenvolverem programas de prevenção de *bullying* (OLWEUS; LIMBER; MIHALIC, 2000) que estão sendo implementadas nas escolas ao redor do mundo. No entanto, estudos como o de Oliveira e Votre (1996) retratam que esse comportamento está inserido em conjunturas culturais e sociais e que as aulas de educação física, por exemplo, podem estar reproduzindo o contexto que os favorece, de forma que a adoção de estratégias de intervenção dos educadores apresenta-se com importância irrefutável.

Considerando o panorama acima apresentado, o objetivo desse estudo é apresentar os fundamentos do *bullying* e levantar as estratégias de intervenção indicadas pelos estudos científicos para professores e escolas na prevenção de práticas de *bullying* entre os alunos, para que busquem evitar que situações de profundas repercussões psicológicas, comportamentais e sociais em ambiente educacional.

Histórico e conceituação de *bullying*

O termo inglês *bullying* (origem etiológica em “provocar”) foi adotado universalmente devido à dificuldade de traduzi-lo para diversas línguas (LOPES NETO, 2005), em decorrência da multiplicidade de ações englobadas pelo conceito. Os primeiros estudos sobre o *bullying* foram realizados com pesquisas do professor psicólogo norueguês Dan Olweus (1993) a partir do início dos anos 70, quando investigou sobre os problemas escolares dos agressores e suas vítimas. Porém, somente a partir da década de 80 é que o *bullying* tornou-se evidência, quando três noruegueses entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio como resultado desse tipo de violência.

Dentre os tipos de violência ocorridos na escola, o *bullying* apresenta-se como um fenômeno grave e complexo, origem de diversos comprometimentos físicos, psicológicos e sociais infanto-juvenis. Caracteriza-se por um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra outro ou outros, causando dor, angústia, sofrimento e exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2005).

O conceito mapeia o universo dessa tirania de forma bastante precisa: é um comportamento cruel, portanto marcado pela intencionalidade em atingir objetivos eticamente condenados; é intrínseco nas relações interpessoais, e que pode verificar-se sempre que duas ou mais pessoas interagem, convivem, compartilham espaço de qualquer natureza, podendo ser no trabalho, estudo, lazer, jogo, esporte, brincadeira. Comandado pelos mais fortes, mais velhos, detentores de mais poder, de mais controle sobre os demais. Os mais frágeis, mais novos, menos poderosos, são

convertidos em objetos de diversão e prazer, de modo a provocar o riso, a galhofa, a ironia e o sarcasmo.

Práticas e manifestações de bullying

Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos são algumas das manifestações do “comportamento *bullying*” (FANTE, 2005). Segundo Oliveira e Votre (1996), o instrumento de tortura é a brincadeira verbal, o chiste, a anedota, o apelido, ou a ação aparentemente inocente e sem malícia, que disfarça, esconde, escamoteia o propósito de maltratar, desautorizar, humilhar e intimidar.

Segundo Lopes Neto e Saavedra (2003), comportamentos como colocar apelidos, agredir, ameaçar, fazer sofrer, ferir, humilhar, pegar ou quebrar pertences e excluir, entre outros, situam-se entre as variadas práticas de *bullying*.

Sintomas apresentados pelas vítimas

Independente do tipo de prática adotada, o que se faz presente em todo contexto onde este fenômeno ocorre é o sofrimento dos sujeitos vitimados, testemunhas ou mesmo os agressores, considerando que os personagens do fenômeno são, segundo Fante (1995), as vítimas típicas (aqueles que apresentam reações subversivas ou agressivas contra os quais não consegue lidar eficientemente); as vítimas agressoras (aqueles que reproduzem os maus-tratos sofridos); os agressores ou *bullies* (os que vitimizam os mais fracos) e os espectadores (aqueles que apenas presenciam o *bullying* sem o praticar). De acordo com a autora, em escolas onde estas práticas não são prevenidas, até mesmo as testemunhas são afetadas negativamente, pois alunos podem se tornar autores de *bullying* ao perceberem que este comportamento agressivo não está trazendo nenhuma consequência para quem o pratica.

Segundo Lopes Neto (2005), alunos alvos de *bullying* podem apresentar sintomas como mau rendimento escolar, baixa auto-estima, anorexia, bulimia, enurese (micção noturna), agressividade, pânico, depressão, perda de memória, hiperventilação, desmaios e atos deliberados de auto-agressão, os quais podem levar a morte do próprio sujeito ou de outrem. Herba et al (2008), por exemplo, publicaram que estudos científicos têm suportado a ligação entre vítimas de *bullying* e idealizações para o suicídio. Casos extremos de assassinatos e suicídios têm acontecido ocasionalmente, como por exemplo, o massacre de Columbine, no Colorado, Estados Unidos. Em casos extremos, a morte é vista como único meio de libertação deste tipo de fenômeno.

Estratégias de intervenção contra a prática do bullying

Em 1993, Olweus publicou o livro “*Bullying at School*” apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações. O programa de intervenção proposto por Olweus em meados da década de 90 tinha como características principais desenvolver regras claras contra o *bullying* nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o *bullying*, e prover apoio e proteção para as vítimas. Com o sucesso da campanha nacional anti-*bullying* realizada na Noruega (*Norwegian Program of Preventing and Managing Bullying in*

Schools) (BOTELHO; SOUZA, 2007), diversas campanhas e estudos seguiram o mesmo caminho, dos quais destacam-se o “*The DES Sheffield Bullying Project – UK*”, a campanha anti-*bullying* nas escolas portuguesas e o programa de educação para a tolerância e prevenção da violência na Espanha, entre outros (ABRAPIA, 2007).

Apresentamos abaixo algumas propostas de intervenções recomendadas por diversos autores:

Smith, Ananiadou e Cowie, (2003):

Intervenções dirigidas ao nível escolar:

- Políticas escolares – a instituição de um documento escrito com os objetivos e regras de anti-*bullying*, adotando um sistema democrático participativo;
- O clima da classe de aula, ou seja, a busca pela harmônica e respeitosa relação entre professor-aluno e aluno-aluno, diminui muito a implementação de comportamentos de *bullying*;
- O suporte de atenção, que são técnicas de trabalho cooperativo de classe, como rodas pedagógicas, colaboração mútua entre alunos com maior e menor dificuldade nos conteúdos, hora de roda em grupo quando ocorrer qualquer tipo de problema de classe, formação de uma comissão para resolução de problemas e mediação (sempre sob a supervisão de um professor);
- O tribunal escolar, onde alunos são eleitos para ouvirem os casos e julgarem suas causas e ou punições para os casos de *bullying*. Segundo os autores, houveram casos de regresso de 70% para 6% os casos de *bullying* para essas estratégias;
- Melhoramento das áreas de lazer: grande parte dos casos de *bullying* acontece nas áreas de lazer ou pátios escolares. Melhoramentos estéticos e funcionais dessas áreas apontaram para um decréscimo significativo nas manifestações de *bullying*.

Intervenções ao nível de classe:

- Os trabalhos curriculares, que podem ser realizados considerando uma gama de possibilidades de trabalhos de grupos de discussão e de estimulação de idéias para descobrir o conhecimento.

E intervenções ao nível individual:

- Trabalho com alunos específicos - o treinamento de confiança tem sido recomendado para alunos vítimas ou potencialmente vítimas de *bullying*, como forma de enfrentamento de situação assumindo uma condição não-passiva, porém também não-agressiva frente às situações que possam aparecer.

ABRAPIA (2007):

- Escolas com uma política ao “não *bullying*” e pró-ativa fazem a diferença; no Reino Unido há uma determinação legal;
- Implantar política anti-*bullying* nas escolas envolvendo professores, funcionários, alunos e pais, com a intenção de informar, sensibilizar, conscientizar e mobilizar;
- A política da escola deve ser para prevenir, e não apenas para controlar o *bullying*; interrompa o *bullying* antes que ele comece. A prevenção deve considerar os três níveis: vítimas, testemunhas silenciosas e agressores;
- Pais, alunos e toda a escola devem estar envolvidos nessa prática;
- A qualidade da relação professor-aluno, baseada na confiança e respeito mútuos é importante;
- Conhecimentos sobre *bullying* por parte dos professores e demais funcionários;
- O *bullying* ocorre onde não há supervisão;
- Escolas menores desfavorecem a ocorrência de *bullying*;
- Escolas fisicamente bem tratadas desencorajam o *bullying*;
- Escolas onde há maior interação de professores com os pais desfavorecem a prática;
- A qualidade de vida dos alunos e o tipo de relação intrafamiliar influenciam na incidência do *bullying*;

- Pesquisa qualitativa através de questionários aplicados com os alunos;
- Estabelecimento de regras anti-*bullying* na escola;
- Professores e pais devem procurar perceber as alterações de comportamento do aluno ou filho;
- Adultos não costumam ser testemunhas de *bullying*; alunos sim;
- O *bullying* se alimenta do silêncio das vítimas; o professor ou pais devem buscar uma aproximação para o diálogo;
- Utilizar-se do protagonismo juvenil: jovem mediador, jornalismo juvenil.

Hassenpflug, (2004):

Preconiza a intervenção baseada nos quatro pilares da educação do relatório de Jacques Delors (1998) – aprender a ser, a conviver, a conhecer e fazer; os quais se fundamentam respectivamente na aquisição de competências pessoais, relacionais, cognitivas e produtivas. A teoria baseia sua intervenção na capacidade crítica adquirida pelos educandos na medida em que vivenciam e se apropriam das diversas competências estimuladas pelas atividades direcionadas.

Botelho e Souza (2007):

Em um estudo sobre o *bullying* e a educação física na escola, examinando as características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção, os autores sugerem basicamente três etapas; como primeira estratégia a identificação dos casos e personagens. Após a identificação, explanam que um bom recurso para combatê-lo é aplicando conceitos de ética e da axiologia às atividades desenvolvidas em aulas de educação física. Sugerem ainda, por último, a utilização de materiais impressos, como livros infantis, infanto-juvenis, gibis e literatura de cordel que discutam criticamente o *bullying*.

Lopes Neto (2005):

Em uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, foram coletados dados pré e pós-aplicação de uma intervenção voltada ao anti-*bullying*. Os resultados podem ser visualizados, nas tabelas 1 e 2:

Tabela 1 - Percepção dos estudantes quanto à prática de *bullying* nas escolas (dados da pesquisa inicial da ABRAPIA, 2007).

-
- 40,5% dos alunos admitiram estar diretamente envolvidos em atos de *bullying*, sendo 16,9% como alvos, 12,7% como autores e 10,9% ora como alvos, ora como autores;
 - 60,2% dos alunos afirmaram que o *bullying* ocorre mais freqüentemente dentro das salas de aula;
 - 80% dos estudantes manifestaram sentimentos contrários aos atos de *bullying*, como medo, pena, tristeza, etc;
 - 41,6% dos que admitiram ser alvos de *bullying* disseram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família;
 - Entre aqueles que pediram auxílio para reduzir ou cessar seu sofrimento, o objetivo só foi atingido em 23,7% dos casos;
 - 69,3% dos jovens admitiram não saber as razões que levam à ocorrência de *bullying* ou acreditam tratar-se de uma forma de brincadeira;
 - Entre os alunos autores de *bullying*, 51,8% afirmaram que não receberam nenhum tipo de orientação ou advertência quanto à incorreção de seus atos.
-

Tabela 2 - Percepção dos estudantes quanto à prática de *bullying* nas escolas (dados da pesquisa inicial da ABRAPIA, 2007).

-
- 79,9% dos alunos admitem saber o que é *bullying*;
 - Redução de 6,6% de alunos alvos;
 - Redução de 12,3% de alunos autores de *bullying*;
 - A indicação da sala de aula como local de maior incidência de atos de *bullying* caiu de 60,2% para 39,3%, representando uma queda de 24,7%;
 - O número de alunos que admitia gostar de ver o colega sofrer *bullying* reduziu-se em 46,1%;
 - Entre os alunos alvos que buscaram ajuda, o sucesso das intervenções para a redução ou cessação do *bullying* teve um crescimento de 75,9%;
 - O desconhecimento sobre o entendimento das razões que levam à prática de *bullying* reduziu-se em 49,1%;
 - Aqueles que admitiram o *bullying* como um ato de maldade passou de 4,4% para 25,2% das respostas, representando um aumento de 472,7%;
 - O número de alunos autores de *bullying* que admitiu ter recebido orientações e advertências quanto à incorreção de seus atos passou de 45,6% para 68%, representando um crescimento de 33,4%.
-

Os dados referenciados acima demonstram uma clara melhora na tendência do comportamento *bullying* na escola, baixando potencialmente os índices de vítimas e *bullies*, bem como a absorção do conhecimento de atitudes de convivência mais éticas e responsáveis. Para tanto, parece apresentar a importância da adoção de um plano de intervenção nas escolas, a fim de evitar a prática do *bullying* entre os escolares.

Considerações Finais

Pesquisas como a de Rigby (2003), sobre as conseqüências do *bullying* nas escolas, bem como outros estudos, sugerem que a vitimização pode contribuir para dificuldades posteriores na saúde e bem-estar. Estudos longitudinais dão suporte ao fato que a vitimização é uma das grandes causas de baixa saúde e bem estar entre escolares e de que estes efeitos podem durar para sempre, assim como alunos *bullies* podem significativamente predizer uma tendência a um comportamento adulto anti-social e violento.

Deseja-se, naturalmente, que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se caleem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos. As repercussões e os comprometimentos psicológicos, físicos e sociais causados pela prática do *bullying* têm, segundo as pesquisas realizadas em todo o mundo, diminuído bastante quando se aplica com critério as estratégias de intervenção indicadas, sendo, para isso, de fundamental importância a divulgação e absorção desse conhecimento e intervenção pedagógica nas escolas públicas e particulares.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Bullying**, Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. 08 mai. 2007. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br>. Acesso em: 08 jun. 2009.

APA. School bullying is nothing new, but psychologists identify new ways to prevent it. **American Psychological Association**. 29 out. 2004. Disponível em: <http://www.psychologymatters.org/bullying.html>. Acesso em: 08 jun. 2009.

BOTELHO, Rafael G.; SOUZA, José M. C. de. Bullying e educação física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, n.139, p.58-70, 2007.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez/Brasília: MEC/UNESCO, 1998.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying – Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª edição. Campinas SP: Veros Editora, 2005.

FEDER, Lynette. Bullying as a public health issue. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**. v.51, n.5, p.491-494, 2007.

HASSENPFUG, Walderez Nosé. **Educação pelo Esporte: educação para o desenvolvimento humano pelo esporte**. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna, 2004.

HERBA, Catherine M.; FERDINAND, Robert F.; STIJNEN, Theo; VEENSTRA, René; OLDEHINKEL, Albertine J.; ORMEL, Johan; VERHULST, Frank C. Victimization and suicide ideation in the trails study: specific vulnerabilities of victims. **The Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v.49, n.8, p.867-876, 2008.

LOPES NETO Aramis A., SAAVEDRA LH. Diga não para o bullying – **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v.81, n.5 (Supl), p.S164-S172, 2005.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, v.12, n.2, p.173-197, 1996.

OLWEUS. Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do**. 1ª ed. Oxford UK: Blackwell Publishing, 1993. 140p.

OLWEUS, Dan., LIMBER, S., MIHALIC, S. Bullying prevention program. **Blueprints for Violence Prevention No. BP-009**. Boulder, CO: Institute of Behavioral Science, Center for the Study and Prevention of Violence, 2000.

RIGBY, Ken. Consequences of bullying in schools. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v.48, n.9, p.583-590, 2003.

SMITH, Peter K.; ANANIADOU, Katerina; COWIE, Helen. Interventions to reduce school bullying. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v.48, n.9, p.591-599, 2003.

Enviado em: junho de 2011.
Revisado e Aceito: agosto de 2011.